

O EXEMPLO

JORNAL DO POVO

22 de Maio de 1904

As nossas associações

I

Iniciamos hoje uma série de artigos em que faremos um estudo das nossas associações bailantes, dramaticas, beneficentes, em que com suas leis organicas e com seu historico, procuraremos demonstrar as causas dos males que as ferem, que as ameaçam constantemente e que as fazem periclitantes sempre.

Antes, porém, de entrarmos de vez em tal assumpto, pensamos opportuno prevenir alguns de nossos leitores contra a grita que meia duzia levantará em torno a nós, o que faremos dizendo o seguinte:

A nossa preocupação no estudo que vamos iniciar, é a de sempre — o ser útil aos nossos.

Não nos alimenta pretensão alguma nem temos preferencias por agremiações ou por personalidades; somos amigos de todas e desejamos velas transformadas em uma grande federação.

Apresentarmos os males de que todas estão eivadas, fallaremos com a sinceridade de amigo que quer evitar o prejuizo do amigo e nunca com a arrogante severidade do censor impiedoso e escarninho.

Com o nosso trabalho visaremos somente estreitar as relações de todas as sociedades entre si e até aconselhar-lhes a reunião em um unico centro que abraça todas as necessidades do nosso meio, vivendo entretanto cada uma para o fim a que está destinada.

Do exposto, pois, verão todos quantos não forem destituídos de bom senso que destas columnas não vimos combater as sociedades, porem sim, e ardorosamente, combater pelas sociedades que no nosso meio se acham tão acabrunhadas, tão amesquinhadas.

Começaremos, hoje, pelo estudo de um mal que não é de uma nem de duas associações, que é, porém, de todas; um mal que em alguns casos tem sido um bem, mas mesmo assim é condemnavel.

As personalidades

Todas as épocas na historia dos povos são caracterizadas pelo volver geral de vistas para um determinado individuo, nas pequenas communhões adstrictas a um determinado scopo, a que chamam sociedades, succede exactamente a mesma cousa.

E' este phenomeno uma consequencia da disparidade de facultades dos individuos na pratica de determinado exercicio, disparidade que evidencia os mais aptos e fal-os uma especie de reflectores da consciencia collectiva.

Até ahí é isto natural e não ha, pois, mal no predomínio fatal de uma personalidade sobre uma collectividade, que não é instrumento passivo e obediente, mas multidão pensante que admira e segue quem vem precedentemente ao encontro de seus desejos. E' isto muito bello e feliz são os gremios de cujo seio nascem estas arvoreds gigantescas a cuja sombra abundante podem descansar todos os seus interesses e de cujos galhos só gotteja o rocio do bem.

O mal, porém, está na fragilidade de que estas personalidades, como todo o resto dos homens, se não podem dispir; o mal está em chegar um momento em que estes individuos esquecidos de que todo o seu valor estava em poder interpretar, consciente ou inconscientemente, a vontade alheia, olvidada e querer em opposição a ella, enthronizar sua maneira de pensar; o mal está na vaidade que nasceu de um apparente predomínio e mando.

Oh vós! homens todos que constituís associações — personalidades, satellites destes bem intencionados, oppositores

das personalidades, — quereis fazer progredir os gremios de que sois partes? Lembrai-vos que toda a moeda tem duas faces, e assim também vossa maneira de pensar, e que vós não a vedes senão por uma dellas, a que vos parece bella, enquanto a outra pode ser má. Assim andae sempre dispostos a transigencia sinão absoluta ao menos relativa, nas vossas opiniões no seio dessas mesmas collectividades, porque só assim nellas reinará a harmonia.

Discuti com calma o que pensaes, e com mais calma ainda ouvi o que pensam vossos contrarios; nunca estabeleças balburdia quando alguém quizer o que não quereis, e lembrai-vos que para elle estaes nas mesmas condições em que elle está para vós, e que si vos custa a supportal-o não menos custa a elle o supportar-vos. Sede prudentes, e não desespereis de harmonizar-vos, visto que não se trata dos vossos interesses nem dos delle, mas de um que vos é commum.

As questões sociaes são questões *inter muros* ahí nascem e ahí devem morrer. Sua existencia não pode nem deve ter maior duração do que o periodo da assembléa em que se aventou e se decidiu. A nossa vaidade não tem direito, sem ser ridicula, de trazer resentimentos por uma derrota de nossa opinião da qual não foi causa o nosso contendor; porém sim, o juizo da assembléa que é soberano, a quem devemos submissão, porque ella é todos e ali se discutiu dos direitos e dos deveres destes todos.

Lembra-vos sempre que as opiniões são méras presumpções de certeza que se infestam quando fecundadas pela vaidade. —Cont.—

Da Platéa

A festa da Floresta Aurora

Tão fagueira impressão nos deixou este anno a passagem do 13 de maio que ainda está nos acalentando a alma de utopista, á laia de um ruminante que, ás caladas, passa em revista o que alforjou no estomago durante o dia.

A liberdade deslambrou tanto aos redermos como nos deslumbra a luz recebida de chofre ao levantarmos-nos do leito estremunhado, de maneira que muitos ainda se agastam quando fazem-lhes, por ironia tola, allusão ao dia em que o Brasil se libertou da pecha, de ser um paiz de escravos.

Porém, graças a nossa indole amoldavel a todos os caprichos da civilização, a caligem da ignorancia aos poucos se vai desfazendo de nosso espirito e vamos vendo, ás claras, que só é acolhido pela locomotiva do progresso o povo que sabe reverenciar e tirar proveito moral dos factos transcendentes que lhe interessam directamente, como um cultor pachorronto que sabe dar valor a semente preciosa, zelando-a, para soterral-a em tempo opportuno, afim de mais tarde fruir seus saborosos fructos. Assim é que comprehendemos agora que quanto maior for a refulgencia que dermos ao anniversario da lei aurea, mais nos imporemos como um povo de sentimentos melindrosamente briosos, que sabe avaliar as injustiças soffridas, enquanto que mais avultará aos olhos dos vinituros a negra mancha da consciencia feral de quem praticou-as.

Por isso é que ainda está nos acalentando a alma de utopista a fagueira impressão que nos deixou a commemoção ao 13 de maio, levada a effeito pelo pujante «Centro Dramatico Floresta Aurora.»

O salão-platéa, gostosamente ornamentado, tornara-se pequeno para conter o grande numero de convidados que aguardavam avidos a representação do «Fi-

lho Bastardo», drama do inexecuvel litterato Arthur Rocha.

Depois de darem entrada no salão, ao som da banda de musica da sociedade e á luz multicolor de fogos de bengala, ao garrido grupo das senhoritas, directoras da festa, deu começo a funcção pela «Apotheose á Liberdade», onde foi exhibido um retrato do immortal visconde do Rio Branco, cujo é promissora manifestação genial do esperançoso menino de 11 annos de idade, filho do sr. Joaquim da Silva Cinco Paus. Nessa occasião recitou uma poesia o nosso amigo Candido Rodrigues da Silva e discursaram inspiradamente as senhoritas Vicentina Bastos e Rosa Torres, que ao concluir obsequiou ao sr. Antonio Pio Arara, também director, com um bellissimo ramalhete de flores naturaes.

Terminada a apothose realison-se a representação do drama annunciado, de que se encarregaram os criteriosos amadores Arthur Paulino da Rosa, Bento Ferreira, Ashluma da Cunha e Silva, Horacio F. da Silva, Vital Baptista e a d. Marcolina Rodrigues.

Todos se esforçaram para o cabal desempenho da peça, pois manda a verdade que se diga, que para desobrigarem-se do compromisso tomado com o auditorio, representando um drama cheio de lances passionaes como sóe acontecer com o «Filho Bastardo», fizeram milagre em vista do pouco tempo que tiveram para o ensaiar.

Faziam o policiamento da platéa os srs. Octavio Ribeiro e Hyppolito Francisco de Assis, que se viu cansado com uns gargantões que, mesmo com a scena aberta o apouquentavam com pedidos, a miúdo, dos pastelões saborosos para darem constante trabalho a *freguezia* dos queixos, pouco se importando se com este exercicio prejudicariam a audição dos demais espectadores.

Recamando as paredes lateraes viam-se diversos escudos onde figuravam os nomes das senhoritas Sara Teixeira, Rosa Torres, Sylvia Guedes, Alice Coelho, Vicentina Basto, Maria Francisca, e dos srs. Luiz Pereira, Honorio Porto e outros que não podemos divulgar; sendo a nossa redacção também contemplada em um dos escudos, fineza que agradecemos penhorados.

Finalizada a festa, o grupo de directores, auxiliado pelo amavel director Pio Arara, distribuiu a todos os espectadores um interessante carnet, contendo o mez de Maio, e dois jovieas agradecimentos aos circumstantes, cujo carnet confeccionado em cartolina da cor da esperanza, guardaremos para eterna lembrança da agradável noitada.

CARDOLINO.

Reparos

Com a secção dos tomates,
Do amigo Canguarino,
Muita gente tem andado
Na cidade, em desatino!

Hontem veiu ao escriptorio
Um rapaz, bella figura!
Trazer-nos muito ligeiro,
O cobre d'assignatura.

E disse então ao gerente
«Eu peço que não te agastes,
Pois não quero ver meu nome
Em reparos e tomates!»

Mas o que aviso aos leitores
E' caso mui verdadeiro:
Com esta minha secção,
Olho vivo e pé ligeiro.

E, no mais, até domingo,
Que, se ajudar a *muça*,
Trazer-vos-a cousa nova
O vosso amigo

K. Zuza.

Os Sas

Na villa de... habitavam dous jovens cujo sobrenome era Sá! — O primeiro chamava-se Manoel e o outro Alfredo.

Correndo ambos em umas cavalhadas, conseguiu o ultimo captar a sympathia de Rosa, a mais formosa e delicada flor do logar. O predilecto de Rosinha corria no grupo dos christãos e para que pudessem ser distinguidos diziam: O Sá mouro, e o Sá que foi christão... O pai da joven, possuidor de alguma fortuna, empregava mil artificios para fazer com que a filha banisse da ideia o nome de Alfredo e dizia:

— Não me serve para genro, é pobre porque apenas uma cavreta e uma junta de bois, no entanto, verdade seja dita, reconheço que tem predicados, é trabalhador... mas...

Rosa ouvia sempre com desdém as palavras de Thomaz, assim chamava-se seu pai. Quiz conservar-se muda aos sentimentos affectivos que num oceano de desespero inundavam-lhe o coração de moça, que aos quinze annos principiava a sentir o fogo sagrado e mysterioso do amor lavrar dentro do peito!... Eram baldos, porém, seus esforços. Já-mais lograva afastar da mente a imagem daquelle que lhe roubára a tranquillidade e a quem via nos roseos sonhos de donzella.

Quantas e quantas noites ella em sonho vio Alfredo estender-lhe os braços voluptuosamente, dizendo: «Fujamos, Rosa, ergamos a tenda de nosso amor á beira dos regatos, á sombra dos arvoredos!... Vivamos de amor, de amor somente...» Depois, Rosa julgava ver em seu pai um anjo mau, calcando aos pés a flor das suas illusões de moça apaixonada, cheia de vida ressumbrando amor!

Rosa, era d'entre as raparigas da villa a mais gracil. De um moreno provocante e bello, Rosinha possuia uns olhos vivos e seductores, engastados em sobranceiras escuras e avelludadas.

Uma completa metamorphose operára-se em suas feições mimosas. Aquellas faces outr'ora sempre tão coradas, causando inveja ás proprias rosas de púrpura cor, tornavam-se palidas, muito palidas, de uma palidez cadaverica!... O riso fugia de seus labios, e como si fôra uma descrida, Rosa evitava falar e, afastando-se de todos, buscava na solidão um balsamo a suas maguas! Passava assim horas e horas num profundo scismar, languida e triste.

Um dia, o pai vendo-a chorar, perguntou-lhe carinhosamente:

— Porque vives sempre triste, entregue ás lagrimas, tu, que outr'ora cantavas ao romper da madrugada, mais do que o proprio pitasillo do visinho Julião?...

A joven quiz responder; mas os soluços impediram-na de falar. Chorou, chorou muito... O velho Thomaz encheu as lagrimas que inundavam-lhe os olhos e, num arroubo de sensibilidade, balbuciou: — Não chores, minha filha! Bem ves que também eu soffro tuas amarguras. Pousando os labios tremulos na fronte gentil da filha amada, depositou um beijo, cheio de carinho, immerso em ternura!...

Rosa sorriu jovial e alegre, porque aquelle beijo era a aurora da esperanza que vinha espancar a noite cruel de seu martyrio!...

— Bem, murmurou o velho, consinto que te cases com o sr. Sá, porém, quero que te retires, vou mandar chamal-o e quero falar a sós com elle.

A ideia de casar, tornou Rosinha de tal maneira gazil que ao saber atirou-se ao pescoço do pai, que por um triz, não se vio enforcado nos mimosos braços da filha que elle tanto queria!

— Como sou feliz, papae! exclamou a moça sahindo precipitada. Cont.

Festa no chateau

O leitor, com certeza, está farto de saber o que é um *chateau*, porque, se actualmente não é solteiro como eu sou, já foi e, deve estar cansadíssimo de os ver e frequentar, e por isso julgo-me dispensado de ensinar a missa ao vizinho!

Reside n'um desses, o amigo Cunha, que festejou no dia 16 do corrente, os seus vinte e dois Janciros!

O *chateau*, apresentava aspecto festivo!

Um pequeno lampeão a kerosene, que chareava como um foco de luz electrica depois de meia noite, e teimava em dar mais fumaça que luz, era a unica luminaria que, havia no bello tabernaculo da rapaziada!

Ao centro encontrava-se a bonita e bem organizada meza, improvisada de uma das portas do *chateau*, e que tinha por pés umas das marquizes viradas de pernas para o ar!

Os cobertores e lençóis nesta noite sahiram a campo! aquelles, servindo de ornamentação para uma elegante tribuna, mais chic e cheia de divicias que as tribunas sacras, pela festa do Espirito Santo, estas, servindo de interessantes cortinas, que, pelas suas alvuras, indicavam não existir ali mais que um milhão de pulgas.

Chegada a hora do *avanço*, via-se na chira, além dos que não conseguí relacionar, os seguintes comilões:

L. Bomfim, Nêne, Cassiano, Honório, Lulu Augusto, Alfredo, Julio da Silva e o celeberrimo Bilontra, copeiro do *chateau*!

O amigo Cunha, honrou-me com a gentileza de convidar-me para e seu costado... eu! que levava as *navalhas* bem afiadas e vasio o immenso bandullo, capaz de comportar todo farnello que o Ulysses pode conduzir nos bolsos do frack!

Encostei-me ao *tutu*, ao manjar mineiro, que estava em um enorme marmitão, capaz de cosinhar o juizo de todos que lá estavam!

O Cassiano, um dos mais *gargantúds* para embelezar mais a festa, levou duas garrafas da cerveja marca bar-bante!...

O Nêne!... este, nem é bom fallar, julgando ainda ser criança para chupar mamadeira a vontade do corpo, compartilhava com o seu par de *mungas*, que era um gosto vel-as trabalhar!

Depois de todos, comerem e beberem a *uva* cerejeinha do Cassiano, tomou a palavra o primeiro orador do *chateau*, J. Silva, que leu um importante bestialógico, desenvolvendo a these: sacro vasio não se aguenta em pé!

Em seguida tocou a mim, que saudei ao amigo Cunha, manifestando o desejo de que fizesse annos todos os dias, para felicidades de nossas panças e gaudio dos corações amigos!

Acabadas as saudações, começou a tocar uma excellente orchestra, que executou as melhores composições de seu repertorio, entre as quaes salientava-se a bella valsa «Sonhos de Virgens».

Já era alta noite, quando assumiu a tribuna, de violão em punho, o amigo L. Bomfim, que sendo conhecido pela sua altura descommunal, encarapitou-se em cima de uma cadeira de tres pés, para assim poder ser visto; cantando em seguida com a sua voz de baixo, (não tomem o negocio a mal) a applaudida cançoneta «A casa branca da serra» que teve epoca quando cantada no Parque, pelo celebre cançonetista Cadete.

Em seguida um notivago que lá appareceu, cantou a apreciavel aria «Santos Dumont».

Assim, estava-se, ora em amavel palestra, ora ouvindo as semilufas notas de um magnifico flautista do bigode retorcido.

Embora já tarde, chegou o segundo orador, Dorival, que ficou com a barriga a dar horas e a bocca cheia d'agua, pois, só encontrou o espinhaço de uma enorme piava! enquanto os outros empanturrados davam prolongados e abafados vivas ao Cunha, 1.º secretario do importante *chateau*!

PAIVASINHO.

Como nos receberam

Foi hontem distribuido um numero especial do *Exemplo*.

Em sua primeira pagina, estampa elle o retrato do nosso amigo e collega tenente-coronel Aurelio de Bittencourt, trazendo tambem varios artigos e allusivos ao 13 de maio.

(Do *Correio do Povo*.)

O *Exemplo*, reencetou a sua publicação, dando em sua primeira folha o retrato do tenente-coronel Aurelio de Bittencourt, nosso presadissimo chefe.

(Do *Jornal do Commercio* de 15 do corrente.)

Conforme noticiámos, appareceu no dia 13 de maio o *Exemplo*, antigo semanario desta capital.

O numero de que nos occupamos traz um bem acabado e bem impresso retrato do nosso illustrado collega sr. tenente-coronel Aurelio Virissimo de Bittencourt, director do *Jornal do Commercio*.

E' director d'O *Exemplo* o sr. Tacito Pires, e redactores, Esperidião Calisto e Alcibiades A. dos Santos.

Em sua nova phase, desejamos áquel-le semanario muitas felicidades.

(D'O *Independente*.)

Reappareceu ante-hontem, em Porto Alegre, o *Exemplo*, que por largo tempo interrompera a sua publicação.

Prestando homenagem á data da redempção dos captivos e a um dos seus mais dedicados apóstolos, o tenente-coronel Aurelio Virissimo de Bittencourt, estampa em sua pagina de honra o retrato deste modesto e incansavel batalhador das nobres causas.

Agradecemos a visita, que retribuirmos.

(Do 1.º de Março.)

A minha madrinha
Exmª Srª D. Maria P. de
Carvalho
apresenta felicitações pelo seu anniversario a 24 do corrente
A sua afilhada
Eugenia Dias.
22-5-1904.

A Rosa

A' collega Pepita

Hontem via; era bella a fresca rosa de purpurea cor, aroma embriagante, hoje, passado apenas breve instante, murcha no hastil pendeu a flor mimosa.

Vendo quem ainda hontem, ufanosa, ostentava-se bella e fulgurante, sem petallas, nem cor e, delirante, a carpir o passado desditosa,

na tristeza da flor emmurchecida, li a historia da vil humanidade, tantas vezes, por tantos repetida:

hoje, o luxo offuscando a sociedade, amanhã, ruim miseria — mal querida e do amigo de hontem — falsidade!

Liberdade, Democracia, Igualdade

(O senhor Seixas instruindo a senhora sua filha dona Rosinha)
Ouve, Rosa?... Estás ouvindo... a espaços... de quando em quando... ao ar foguetes subindo, bombas no ar estourando?... De certo que tens ouvido foguetes, diariamente! Desta vez, é o vagido da Liberdade nascente!

(Enthusiasmado.)

Liberdade! O Deus, quem pôde definir esta *Senhora*!

(Medita um momento.)

Aqui vai o que me acode... o que me acode, por ora!

A Liberdade é o Bem... é a Justiça... o Direito...

é... a Luz, que em jorros vem e nos penetra no peito!
(Fica um instante como que deslumbrado, depois contintado).

Da Liberdade é que brota a pura Democracia...

quer dizer — toma bem nota! — nem mais *dom* nem *senhoria*...

Ser democrata o que é?

E' ser liso, sem babados, andar de frack e a pé,

não ter luxos nem criados...

E' fallar ao mundo inteiro, fallar d'igual para igual:

«Olá! Bons dias, Ribeiro!

«Adensinho, general!

«Olá, Seixas! Meu paçudo! —

«Um abraço á minha pança... Mas o que prova isso tudo?...

O que prova?... Confiança.

A Igualdade é assim fallar claro, liso, franco! Emfim, minha Rosa, emfim! Fica o preto igual ao branco! Eu, que tragó esta cartola a me cobrir o topete,

(o senhor Seixas é um soberbo carvão),

não sou mais que o mariola nem mais que o moço de frete!

Al! Rosinha... tu vaes vir a pura Democracia...

Não mais — Poder é Poder! — como o tribuno dizia.

Esse Jupiter — tonante, esse orgulho desmedido,

de figura fascinante,

que me trazia illudido...

Agora, a Lei é a Lei!

Roubou, matou, estolou?

Enforca! seja o ex-rei...

ou o diabo... ou, ou, ou...

M.

(Da comedia em verso — A queda da monarchia).

Notas semanaes

Festa do Espirito Santo. — Apesar do povo já estar cansado de saber, pelo minucioso programma publicado em todos os jornaes diarios da capital, não é de mais que advertimos, a quem nos lê, que: terá lugar hoje ás 6 horas da manhã na respectiva capella a missa do costume, acompanhada de organ e canto, fazendo-se em seguida o sorteio para a escolha do imperador festeiro e do alteres da bandeira que devem servir para o anno; que ás 10 da manhã, na cathedral, pontificará a missa o bispo d. Claudio, pregando ao Evangelho o reputado orador sacro, dr. Gustavo Locker, sendo cantada por diversas senhoritas a Ave Maria ao pregador; que ás 4 da tarde, sahirá em procissão o Divino Espirito Santo, fazendo o itinerario costumeiro, e a noite tradicionaes fogueinhos com todo o cortejo de attractivos que nos retém na praça, até ás 10 horas em que terminarão os foguados, depois de ter sido exhibido o interessante cinematographo, já apreciado em as noites anteriores.

Segunda e terça feira, á noite, os mesmos festejos da noite, de hoje.

Enfermos. — Acham-se retidos ao leito por pertinaz enfermidade, os srs: Augusto Clemente da Silva, Francisco Antonio Vieira e o joven construtor Honorio do Nascimento Corrêa, extremecido filho do nosso amigo Manoel do Nascimento Corrêa. A todos, prompto restabelecimento, são os nossos sinceros desejos.

— O intelligente joven Waldomiro Guimarães, um dos professores da Escola Brasileira, que achava-se gravemente enfermo, já entrou em plena convalescência.

Tambem o sr. Alberto de Camara Barcellos que guardava o leito gravemente enfermo a longo tempo, acha-se restabelecido.

A nossa gravura. — O retrato que estamos no ultimo numero foi trabalhado nas officinas dos acreditados artistas Mink & Robles e não na de Hirtz & Imão como por engano foi publicado.

Liga de Resistencia dos Sapateiros. — Desta associação promissora recebemos, acompanhado de attencioso officio, o numero 2 do *Sapa-*

teiro, jornal de propaganda operaria que é annualmente publicado no dia 1.º de Maio, por sua co-irmã a União dos Sapateiros da Capital Federal.

Gratos pela deferencia.

S. D. P. União Militar. —

Esta sociedade realizará, na noite de 27 do corrente, um espectáculo offerecido ao sr. tenente-coronel Carlos Frederico de Mesquita e ao demais officiaes do 25.º batalhão de infantaria.

O drama escolhido para esta noiteada artistica é *Gonzaga*, ou a revolução em Minas.

Archi-confraria de N. S. do Rosario. — Os irmãos desta corporação religiosa devem reunir-se hoje, ás 3 horas da tarde, no lugar do costume, para incorporados acompanharem a procissão do Divino Espirito Santo.

Devoção de N. S. da Conceição. — Os irmãos dessa devoção erecta na matriz do Rosario, tambem reunem-se hoje, ás 3 horas da tarde, para acompanharem a procissão do Divino Espirito Santo.

Festa Santa Rita. — Realizou-se hontem na cathedral a festa de S. Rita, occupando o coro, a orchestra da Sé, regida pelo mestre da capella tenente Alberto Wolmer. A concurrencia de senhoras foi numerosa.

13 de Maio. — Alem das festas de regosio de que a imprensa diaria occupou-se e que effectuaram-se em honra a data em que foi extinta a escravidão no Brazil, outras não menos significativas foram effectuadas pelas modestas collectividades do nosso meio, tiveram lugar nesse dia.

Os moradores da rua Tiradentes por iniciativa do sr. Abel Manoel de Oliveira, fizeram levantar alli um coreto onde durante a tarde e até ás 9 horas da noite, tocou a banda musical dirigida pelo sr. João da Cruz Amaral.

A rua foi ornada com arcos de flores e um salão alli existente, durante o dia e até avançada hora da noite, esteve repleto de pessoas das circumvizinhanças e de lugares distantes que affluam para ouvir os oradores e em agradavel palestra passar parte do dia festivo.

O club Theosoura. — Na noite de 13 realizou uma conferencia e baile commemorativo, tendo na primeira parte da festa feito uso da palavra o seu 1.º secretario.

Em outras localidades do Estado não passou despercebida a grande data, a sociedade *União Leopoldense* da vizinha cidade de São Leopoldo, e a *13 de Maio* de Santa Maria, á commemoram entusiasticamente.

Os que se finam. — Findou-se para o velho operario Adão Honorato dos Santos, sua missão aqui na terra, donde passou-se na madrugada de 17, aos 46 annos de idade. Adão dos Santos, que era solteiro e não tinha aqui parentes, foi enterrado a expensas da «Associação de Trabalhadores em Madeira» da qual muitos membros acompanharam um cadáver até a beira da sepultura.

— Deu-se ante-hontem o fallecimento da ex. sra. d. Raphaela Pereira de Lima, tia dos srs. Marcílio F. da Costa, Freitas e Torquato da Rocha Pedroso, a quem apresentamos pezames.

Calendario social

Anniversarios. — Fizeram annos: a 16 o estimado joven Olympio Cunha, que o festejou, proporcionando a seus internos deliciosa ceia enterrocada de facciosa palestra; a 17, a senhorita Angelica de Oliveira; a 18, o nosso amigo Manoel Siqueira; a 21, o conceituado cidadão Bernardo José Machado, presidente do «Centro Recreativo».

Ao sr. Antonio Jacob Vieira e a sua exma. esposa, damos parabens pelo nascimento de sua innocente filhinha.

Ao sr. Adolpho Ferreira, e a sua exma. esposa, nossas felicitações pelo nascimento de seu filhinho Edgar.

Pedro Lopes da Silva. — Fazendo parte do 25.º batalhão que aqui chegou na manhã de 13 de maio, regressou ao seio de sua extremosa fami-